

GUERRA E PAZ

2ª feira: 21/Abril/2003

Bom dia ouvinte do Caderno Manhã da Rádio MEC. No quadro Escutar e pensar, nós vamos falar sobre você e o mundo à sua volta.

Você, como muita gente, deve estar acompanhando, pela televisão ou pelos jornais, este terrível espetáculo de morte e destruição: a guerra no Iraque.

Você, certamente, deve ter ouvido e lido muitas explicações pra essa guerra. Se fala em interesses econômicos, a questão do petróleo, se fala em prevenção de novos ataques terroristas como o que ocorreu em Nova York, se fala em derrubar um ditador que teria armas de destruição em massa...Enfim, se fala sobre muita coisa. Pra todas as guerras há sempre uma teoria, exposta por alguma autoridade.

Mas nós todos ficamos com uma pergunta: afinal, não há outra maneira das nações se entenderem? Não existe um organismo internacional, do qual fazem parte praticamente todos os países do mundo, onde esses problemas podem ser discutidos, pacificamente, e se chegar a uma conclusão, sem mortes e destruição? Afinal, a ONU - Organização das Nações Unidas - não foi criada exatamente para isso?

São questões complicadas que não têm uma única resposta. Mas eu gostaria de convidar você a pensar numa idéia que talvez esclareça um ponto importante e que nenhuma dessas teorias leva em conta.

Por que a crueldade da guerra? Por que os homens se matam, mesmo cansados de saber que, muitas vezes, como nesta guerra, não vai haver vencedores nem vencidos? Mesmo sabendo que o mundo precisa de paz. Paz para combater a miséria e a fome que afligem grande parte da humanidade, enquanto bilhões de dólares são gastos em guerra. Apesar disso as guerras continuam. Por que?

Freud trouxe a idéia de que há no ser humano, em todos nós, um impulso pra destruição. Da mesma maneira que existe um impulso pra vida, pra criatividade, pro prazer e pro amor. Esses dois impulsos estão sempre em conflito, e esse conflito vai sempre acompanhar o homem. Não existe um impulso sem o outro, é uma coisa só. E se a gente conseguir reconhecer esse fato, vai ser possível reconhecer em nós o efeito de um impulso ou de outro. Vai ser possível conversar consigo mesmo e tentar gerenciar a vida de uma forma mais construtiva.

Por outro lado, se não reconhecemos isto, vamos acabar acreditando em qualquer teoria que defenda que a guerra é a

única solução. Na verdade, todas essas teorias e crenças que defendem a guerra estão a serviço deste impulso destrutivo que existe em todos nós. Por isso fazem tanto sucesso, porque encontram eco em todos nós. Parece uma idéia simples, mas não é. É bastante complicado. E já é uma preocupação muito antiga. No século passado, a Liga das Nações, que era a ONU da época, convidou grandes intelectuais pra trocarem cartas sobre problemas do mundo. E foi justamente esse, por que a guerra?, o assunto escolhido por Einstein, o criador da teoria da relatividade, e Freud, o criador da psicanálise.

Eles alertaram o mundo para o perigo que era desprestigiar a Liga das Nações e deixar que imperasse a lei do mais forte. Todos nós sabemos o final dessa história: a segunda guerra mundial, trazendo a morte de dezenas de milhões de pessoas.

Pense nisso ouvinte e até amanhã com o quadro Escutar e pensar do caderno Manhã da Rádio MEC. Se você tiver alguma dúvida ou quiser fazer alguma sugestão de tema, telefone pra 1152-8413, Central de atendimento da Rádio MEC.

3ª feira: 22/ Abril/ 2003

Bom dia ouvinte do Caderno Manhã da Rádio MEC. No quadro Escutar e pensar, nós vamos falar sobre você e o mundo à sua volta.

E você e todos os seres humanos do mundo somos muito mais complexos do que pensamos. Um dos pontos dessa complexidade seria a existência de um impulso destrutivo sempre presente, em todo nós, da mesma forma que existe um impulso pra vida, a criatividade, a sexualidade, o amor. Ambos os impulsos vivendo em permanente conflito no íntimo de todos nós, no cotidiano de nossas vidas. Na base de toda guerra estaria a predominância deste impulso para a destruição, que é próprio do ser humano. Portanto, a luta pela paz é um trabalho incessante, sem fim.

Não percebemos, mas fazemos isso todos os dias, toda hora. Cada vez que escolhemos conversar ao invés de brigar, estamos lutando pela paz, fazendo com que o impulso pra vida prevaleça sobre o impulso destrutivo. Ou cada vez que respeitamos ao invés de desprezar, ou mesmo que escolhemos não fazer alguma coisa que nos faz mal...É como entregar a gerência de uma loja a um funcionário amistoso, com bom senso, capaz de soluções pacíficas, ou entregar a um outro violento, incapaz de conversar. No caso, a loja é a nossa vida e o gerente somos nós mesmos, e cabe a nós gerenciar baseados em nossos impulsos construtivos ou não.

Mas se a luta pela paz, e especialmente pela paz mundial, é uma luta sem fim, surge uma pergunta: vale a pena lutar pela paz? O que vemos é o triunfo dos mais poderosos, afinal quem acaba ganhando não são sempre os mais fortes, quaisquer que sejam suas razões?

Talvez as coisas não sejam tão simples assim. Não sabemos como uma guerra começa e, muito menos, como acaba. O impulso destrutivo que comanda os belicistas por mais força que demonstre não tem o poder de criar nada que seja duradouro e pacífico. Pra se manter uma vitória alcançada com violência, é necessário manter permanentemente a força. E o feitiço acaba se voltando contra o feiticeiro.

Esse aspecto se pode ver por exemplo em famílias violentas. Um pai que impõe suas regras através de violência, pra manter a submissão do filho vai ter que manter a violência. E certamente estimula ódios que vão acabar se voltando contra ele, e contra o resto do mundo.

Há muitos argumentos a favor da luta pela paz. Como voltam os jovens soldados, garotos de 18, 21 anos - de uma guerra? Alguns desses jovens dizem que "estão lá para fazer o serviço e logo voltar para a casa". Ninguém precisa ser grande conhecedor de psicologia pra saber que voltarão mutilados emocionalmente. Aprendem a matar com maestria mas desaprendem a conviver com outros seres humanos. Há histórias de assassinos em série sobreviventes de guerra.

Defender a paz no mundo é sem dúvida a melhor opção pro convívio entre nações de diferentes costumes e tradições. Assim como defender a paz no nosso pequeno mundo cotidiano é a melhor opção para o convívio entre pessoas de diferentes gerações, diferentes características e personalidades.

Pense nisso ouvinte e até amanhã com o quadro Escutar e pensar do caderno Manhã da Rádio MEC. Se você tiver alguma dúvida ou quiser fazer alguma sugestão de tema, telefone pra 1152-8413, Central de atendimento da Rádio MEC.

4ª feira: 23/ Abril/ 2003

Bom dia ouvinte do Caderno Manhã da Rádio MEC. No quadro Escutar e pensar, nós vamos falar sobre você e o mundo à sua volta.

Temos visto com frequência nos jornais, em grupos de conversa, críticas sobre o empenho de algumas pessoas com relação à paz internacional, enquanto vivemos aqui uma guerra urbana, com o poder paralelo do crime organizado ameaçando toda a comunidade. Sabemos que todos sofrem. Sofrem as comunidades mais carentes, que vivem ali no epicentro do conflito, entre o terrível poder do tráfico e os problemas com a nossa polícia. E sofrem os mais ricos, obrigados a se refugiar atrás de grades, blindagens e continuam vulneráveis à violência.

Mas na verdade não podemos fazer essa separação entre segurança e paz em nossa sociedade e o convívio pacífico entre as nações. Não são dois assuntos isolados. Nas duas situações, o

que impera é a lei do mais forte.

O que nos leva a chorar a morte de crianças nas favelas por balas perdidas, ou o assassinato de Gabrielas em uma esquina, é o interesse humanitário. E é esse mesmo interesse humanitário que nos leva a chorar a morte das crianças iraquianas ou dos jovens soldados nessa ânsia mortífera que se chama guerra. E onde houver um semelhante sofrendo violência, nos sensibilizamos.

O poder incontido anda de mãos dadas com a violência. Veja o poder político e econômico originando injustiça social, milhões de excluídos, terreno pra revoltas, explosões desregradas. Veja o poder de uma nação que julga saber o que é melhor pra todos, originando mortes.

O princípio da atitude ética é o amor ao outro, que significa respeito às diferenças, significa acolher o outro sem arrogância. Se a gente pensar no indivíduo, desde os primórdios da vida incipiente, sabemos que o amor dos pais e pelos pais, ou o amor daqueles e por aqueles que cercam a criança, vai reger o desenvolvimento desse indivíduo. O reconhecimento daquele bebê, uma criaturinha que tem feição singular, com características e necessidades próprias, vai ajudar essa criança a crescer como alguém que capaz de ter consideração por seus semelhantes, sejam eles próximos ou tão distantes quanto aqueles do oriente.

Mas, não podemos subestimar o impulso destrutivo do homem, sempre presente e muitas vezes preponderante. Só esse impulso pode explicar as atrocidades do banditismo e as atitudes belicistas. E também a contribuição passiva de grandes massas, por omissão.

As leis nos ajudam a controlar esses impulsos hostis, egoístas, que habitam cada um de nós; muitas vezes obedecemos, não transgredimos, por medo das penalidades. Mas certamente não é só esse medo que nos impulsiona a desejar o bem, ou a paz.

A verdade é que dependemos visceralmente do outro, é nosso destino lutar continuamente contra a força destrutiva que nos move contra os outros, os mesmos de quem dependemos tanto. E essa força destrutiva é a mesma que nos move contra nós, seja em nosso ambiente mais imediato, seja em âmbito internacional.

Pense nisso ouvinte e até amanhã com o quadro Escutar e pensar do caderno Manhã da Rádio MEC. Se você tiver alguma dúvida ou quiser fazer alguma sugestão de tema, telefone pra 1152-8413, Central de atendimento da Rádio MEC.



Programa de Rádio
"Escutar e Pensar"